

# Objetos votivos nos contextos ritualísticos da Grécia Arcaica e Clássica: limites interpretativos das estatuetas de terracota em santuários dedicados a Hera

*Votive objects in the ritualistic contexts of Archaic and Classical Greece: interpretative boundaries of terracotta figurines in sanctuaries dedicated to Hera*

Lidiane C. Carderaro\*

**Resumo:** Entre as várias formas de inserção da imagem no contexto social grego arcaico e clássico, durante muito tempo se negligenciou a presença das estatuetas de terracota, encontradas principalmente em ambientes ritualísticos e funerários. Nas últimas décadas, porém, pôde-se perceber um crescente interesse dos estudos arqueológicos em tentar compreender o papel social desses objetos. Este artigo traz algumas reflexões sobre as interpretações iconográficas das estatuetas, especialmente aquelas encontradas em santuários dedicados à deusa Hera, considerando aquelas figuras que aparecem, de forma consistente, em diversos ambientes de culto ao longo do Mediterrâneo grego nesses períodos. Serão discutidas as implicações de se abordar figuras recorrentes em contextos distintos de modo a propor uma interpretação específica – para um contexto ritualístico ou mesmo para a própria figuração da estatueta.

**Abstract:** Among the various forms of insertion of the image in Archaic and Classical Greek social context, for a long time the presence of terracotta figurines was neglected, found mainly in ritualistic and funerary environments. In recent decades, however, it has been possible to notice a growing interest of archaeological studies in trying to understand the social role of these objects. This article brings some reflections on iconographic interpretations of terracotta figurines, especially those found in sanctuaries dedicated to the goddess Hera, considering those figures that appear, consistently, in different cult environments throughout the Greek Mediterranean in these periods. The implications of approaching recurring figures in different contexts will be discussed in order to propose a specific interpretation – for a ritualistic context or even for the figure of the figurine itself.

**Palavras-chave:**

Iconografia.  
Estatuetas de terracota.  
Culto.  
Hera.

**Keywords:**

Iconography.  
Terracotta figurines.  
Cult.  
Hera.

---

Recebido em: 19/02/2024  
Aprovado em: 20/03/2024

---

\* Pós-doutoranda em Arqueologia Clássica pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). Bolsista Fapesp de pesquisa (Processo nº 2021/14601-2).

## Introdução

Muito já foi dito sobre a importância das imagens no contexto social, especialmente quando pensamos a construção da identidade sociopolítica grega na Antiguidade. Da mesma forma, as imagens que antes eram vistas pelos estudiosos apenas como adorno, decoração ou ilustração – especialmente quando comparadas a fontes escritas –, a partir das duas últimas décadas do século XX, tiveram finalmente o seu reconhecimento como fontes independentes e ricas de informação acerca do Mundo Antigo.

Entre essas fontes, as representações em vasos cerâmicos são, sem dúvida, alvo principal dos olhares atentos às imagens da Antiguidade, buscando-se interpretações sobre a vida cotidiana, as interações políticas e a influência religiosa na vida comum daquelas comunidades. E de fato, nessas pinturas encontramos os mais detalhados registros imagéticos sobre a vida particular e pública na Antiguidade grega desde pelo menos o século VIII a.C. No entanto, essas não são as únicas formas de representação da vida grega que nos chegaram e sobre as quais debruçamo-nos hoje para compreender seus significados e intenções. Para além das estátuas monumentais, das figuras em bronze, dos afrescos, das moedas e dos mosaicos, temos como importante registro iconográfico da Antiguidade grega as estatuetas de terracota.

Há diversos motivos pelos quais podemos compreender a popularidade desses objetos. Desde o material com que eram confeccionados – feitos de argila, um material extremamente barato e acessível – até as suas dimensões – serem pequenos e leves facilitava o transporte até os santuários, além do comércio ao longo do Mediterrâneo. Presentes na cultura material há tanto tempo quanto os vasos cerâmicos, a prática de dedicar estatuetas de terracota como oferendas votivas em santuários gregos se intensificou no início do Período Arcaico. Já no Período Clássico, as estátuas se consolidaram como objetos votivos e representação dos diversos aspectos do culto, extrapolando o ambiente sagrado e sendo utilizadas também em outros contextos, especialmente os privados – em que se destacaram as conhecidas “tanagras” do Período Helenístico. Ainda no final do Período Helenístico, passaram por uma etapa de declínio, chegando quase ao desuso como objeto votivo (Hoffmann, 2023, p. 3-4)

A pesquisa sobre as estatuetas de terracota pela Arqueologia, que por muito tempo foi negligenciada e considerada secundária frente a outras fontes materiais, vai desde a sua fabricação até o seu modo de descarte, passando pelo comércio, seus usos e, claro, suas interpretações. É a este último ponto que nos dedicaremos neste artigo. Voltando o olhar para as estatuetas de terracota como objeto de culto, ou como

oferendas votivas, levantaremos alguns questionamentos sobre as interpretações dadas a tipos específicos de estatuetas, com representações comuns e recorrentes, especialmente aquelas atribuídas ao culto da deusa Hera. O estudo que apresentamos aqui é parte de uma pesquisa maior e em progresso e, certamente, a abordagem que empregamos pode se modificar com o avanço das investigações. Sobretudo no campo metodológico, tendo em vista as particularidades de aplicação dos métodos interpretativos a cada peça e a cada contexto.

### **As dimensões da imagem**

É interessante notar que, em se tratando de um objeto tridimensional, nas estatuetas – também conhecidas como figurinhas de terracota – a imagem se objetifica e se materializa de forma independente de seu suporte ou mesmo do material com que é manufaturada. Torna-se, ela mesma, sua própria materialidade. Dessa forma, as estatuetas configuram não apenas um registro daquilo que é representado nelas, mas também um importantíssimo registro das atividades humanas no contexto sociocultural em que estão inseridas. Essa percepção será melhor compreendida a seguir, quando tomaremos como forma de expressar essas características a análise da presença de objetos votivos em local sagrado, mais especificamente, as estatuetas de terracota e suas figurações recorrentes em santuários dedicados à deusa Hera.

É preciso, antes de mais nada, fazer uma diferenciação entre as figurinhas únicas, possivelmente modeladas à mão ou de figuração muito específica e relacionada diretamente à divindade à qual foi dedicada; e aquelas produzidas em massa com o uso repetitivo do mesmo molde, que nem sempre refletem características ligadas a uma divindade específica. Essas últimas tiveram sua produção iniciada no século VII a.C. (Alroth, 1989, p. 10). Embora a produção em massa tenha sobressaído a partir de então, as figuras modeladas não caíram em desuso ou foram substituídas, mas continuaram existindo em menor quantidade. Certamente, pode-se perceber que existe a intenção do artesão, por um lado, de criar peças em grande quantidade visando principalmente ao comércio – não se atendo, portanto, ao fim religioso que será dado a elas –, e por outro a escolha do devoto por aquele tipo de figura específica.

Além disso, atentamos para outro aspecto importante na interpretação das terracotas. Tomando como ponto de partida a definição de Jens Baumbach (2009, p. 206), é possível distinguir três níveis de diálogos religiosos entre humanos e deuses, que podem ser diretamente relacionados com três tipos de culto: o panelênico, a forma como os deuses eram percebidos em toda a extensão do mundo grego; o local, a maneira como

eram abordados na pólis a que pertence o santuário; e o nível individual, que expressa a forma como os deuses são vistos pelos indivíduos. Relacionar as oferendas votivas a esses níveis de diálogo se torna uma tarefa complicada, e muitas vezes controversa. Afinal, em que medida a presença de um mesmo tipo de oferenda votiva em vários santuários indica o aspecto panelênico do culto? Em contrapartida, quanto se pode afirmar que a presença de uma peça única reflete o culto individualizado? Essas questões estão sempre presentes no trabalho de interpretação, pois parte de compreender a imagem e seu contexto, tratando-se por compreender que dimensão social ela atinge.

Vale destacar que as estatuetas de terracota quase sempre são interpretadas a partir de um significado ritualístico, segundo Alroth (1989), tendo em vista a maior quantidade delas ser encontrada em contextos de santuários. As imagens levam a concluir que eram consagradas em ocasiões específicas da vida do indivíduo, como o matrimônio e a maternidade, no caso das mulheres. Mesmo em espaços privados como as casas, provavelmente faziam parte de um mobiliário religioso destinado a cultos domésticos de proteção da família. Pode-se antever, inclusive, que a partir desses cultos domésticos é que elas foram, já no final do século V a.C., recebendo funções decorativas. Por sua vez, a presença das estatuetas nas necrópoles, especialmente em enterramentos de indivíduos jovens, representa os objetos que essas pessoas levariam ao santuário em etapas importantes da vida que não mais viverão: passagem da infância para a vida adulta, por exemplo.

### **Dedicações à deusa**

As estatuetas de terracota se inserem na complexidade dos contextos ritualísticos religiosos, uma vez que as especificidades do culto – especialmente o culto à deusa Hera – são muito pouco referenciadas nas fontes literárias. As terracotas são, portanto, assim como os vasos cerâmicos e os demais vestígios materiais, evidências do diálogo entre o humano e o divino, e, em um nível mais específico, entre o devoto e a deusa. Os ex-votos, de modo geral, assim como afirma Baumbach (2009, p. 203), são a principal fonte de informação sobre por que foram dedicados, evidenciando aspectos dos cultos individuais, poliades e panelênicos.

Destacamos aqui, para nossa análise, duas formas muito comuns de representação em terracotas encontradas em santuários dedicados a Hera. Ambas as formas escolhidas são figuras que foram produzidas em larga escala, de forma que se mostram bastante genéricas em seu significado. A primeira forma a ser considerada é a conhecida como “deusa entronada”. Trata-se, basicamente, da representação de uma figura feminina

sentada em um trono. A forma admite algumas variações, como o tipo de vestimenta, de adornos na cabeça e objetos que a figura segura nas mãos – podendo se tratar de pequenos animais. Sua forma básica, no entanto, está de acordo com o que se vê na Figura 1: uma figura feminina vestindo *himátion* e *peplos*, sentada em uma poltrona (ou trono). A vestimenta pode ser decorada com adornos femininos, como colares e brincos, além de comumente portar um *polos* ou *stéphanos* sobre a cabeça. Também pode trazer, nas mãos, objetos ou animais que façam referência à função da deusa a que é dedicada. Em estatuetas dedicadas a Hera é comum que esta esteja segurando uma pomba, como na Figura 3, uma romã, um cesto de frutas, ou filhote de animal, identificado como filhote de leão. Esse tipo de figura geralmente é identificado como a deusa local do santuário onde foi encontrada, embora geralmente não apresente atributos específicos. Na Figura 2, vemos um exemplar encontrado em um santuário dedicado à deusa Athana Lindia, localizado na Sicília. Essa deusa é a representação local da deusa Atena no santuário de Lindos, em Rodes. Sua presença em um local de culto próprio na Magna Grécia reforça a importância migratória de Rodes para aquele local. Os atributos representados remetem, de modo geral, à esfera feminina, como matrimônio e maternidade.

**Figura 1** - Deusa entronizada com *polos* alto e *himátion* que cobre a cabeça e os ombros. Tem as mãos repousadas sobre os joelhos. *Heraion* de Delos, VI a.C.



Fonte: Laumonier (1956).

**Figura 2** - Deusa entronizada identificada como Athana Lindia. Heloros, Sicília



Fonte: Hoffmann (2023, p. 83).

**Figura 3** - Deusa entronizada segurando uma pomba. *Heraion* de Perachora



Fonte: Baumbach (2009, p. 209).

Já a segunda forma selecionada é a da figura feminina de pé, em posição de *kora*, com um dos braços ao lado do corpo e o outro segurando um objeto diante do peito – que também pode se tratar de um pequeno animal (Figura 4). Uma particularidade desse tipo de figura é que ela aparece não apenas como estatueta, mas também como uma forma de vaso plástico, em que sobre a cabeça da figura há, junto ou no lugar do *polos*, uma boca estreita (Figura 5). Esses vasos poderiam ter a função de conter perfumes ou óleos, que, por sua vez, seriam ou não usados no ritual de culto. Yannis Kourayos e Erica Angliker (2021, p. 330) lembram que esse tipo de vaso em forma de *kora* segurando uma pomba é comumente encontrado em templos dedicados a deusas, mas que não se trata de uma representação relacionada à deusa local, ou associada de alguma maneira com alguma deusa em particular. Ainda segundo os autores, essas figuras provavelmente representavam mulheres jovens levando uma oferenda ao santuário.

**Figura 4** - Figura feminina de pé em forma de *kora* segurando uma pomba. Artemision de Samos, 550-522 a.C.



Fonte: Tsakos e Viglaki-Sophianou (2012, p. 183).

**Figura 5** - Vaso plástico em forma de *kora* segurando uma pomba. *Heraion* de Delos



Fonte: Laumonier (1956, fig. 55).

Para Alroth (1989, p. 9), ao se observar essas figuras femininas, entronizadas ou de pé, é relevante analisar se existe relação entre a figura e a estátua de culto daquele santuário, ou ainda se a figura apresenta algum dos atributos da divindade em questão, pois uma identificação positiva desses elementos pode ser indício de representação da própria deusa na estatueta. Essa proposição seria interessante ao considerarmos que as representações da deusa Hera geralmente são na forma de deusa entronizada. Uma representação que reforça o seu lugar de destaque entre as deusas do panteão olímpico e a constante relação que se faz de sua figura com a deusa mãe.<sup>1</sup> No entanto, por se tratar de estatuetas de tipos genéricos, como dito anteriormente, essa identificação geralmente é bastante vaga, especialmente se a estátua de culto não mais existe. Sendo assim, a não ser que a identificação dos atributos seja irrefutável, ou a semelhança com a estátua de culto indique claramente que se trata de uma cópia da forma, não se pode afirmar que essas estatuetas representam a divindade.

### **Marcadores de identidade**

Esses objetos, como se pode ver, chamam a atenção não apenas para o aspecto religioso da vida cotidiana grega, mas também para os papéis sociais dos indivíduos,

---

<sup>1</sup> Não vamos tratar aqui das controvérsias dessa relação. Ainda que sejam relevantes, entendemos que um assunto tão complexo desviaria o foco deste artigo, que se dedica às representações iconográficas nas estatuetas votivas.

marcando momentos de passagem, como as núpcias e os funerais. Entre as funcionalidades, destacamos desde já que é indiscutível o seu aspecto mediador entre divindade e devotos. A oferenda votiva, seja de qual natureza for, tem por função primordial conectar o devoto com a divindade. Embora não nos atenhamos aqui ao aspecto religioso, é importante compreender as nuances da religiosidade grega da Antiguidade. Autores como Vernant (1999), Pirenne-Delforge e Pironti (2015) nos apresentam bons panoramas para a compreensão do politeísmo grego e da importância dos locais de culto.

O conceito de agência dos objetos não é novo, embora seu uso esteja em evidência atualmente nos estudos antropológicos. A forma como as estatuetas de terracota agem no contexto sagrado é um ponto de grande relevância para compreender a sua existência, de forma agrupada, nos locais de culto. Embora elementos individuais, as estatuetas de terracota são, em diversos momentos do seu ciclo de vida colocadas em conjunto. Seja na produção em massa, na disposição no santuário junto a outras estatuetas, até a sua deposição em um depósito votivo comum a todas as oferendas. Essa disposição em conjunto reflete um senso de coletividade que está inserido nos três níveis de culto já mencionados anteriormente: o culto individual, o culto políade e o culto panelênico. Assim, é importante percebê-las como conjunto também nesses três aspectos, e refletir sobre como essa coletividade age sobre os devotos e se reflete nas suas intenções diante da deusa (Hoffmann, 2023, p. 30).

### **Possibilidades e limites interpretativos**

Dois situações são relevantes para analisar a recorrência dessas figuras em diversos santuários. A primeira é a presença da mesma figura em santuários dedicados à mesma deusa em diferentes locais do mundo grego; a segunda é a presença dessas mesmas figuras em santuários no mundo grego dedicados a diferentes deusas. A presença dos mesmos tipos de oferendas votivas nos *Heraia* sugere que Hera foi cultuada em diferentes locais por uma função similar, o que pode ser evidência de um aspecto do culto panelênico, como afirma Baumbach (2009, p. 211).

Por outro lado, a iconografia e o fato de que ambos os tipos votivos são frequentemente encontrados em santuários de divindades relacionadas a aspectos femininos, como fertilidade e o cuidado com as crianças, tal como em cultos a Afrodite, Eilithya, Ártemis, Deméter e a própria Hera, apontam para um aspecto compartilhado do culto que é definido pelo termo *kourotrophos* – que remete à figura da *kora* representada nas estatuetas. Entretanto, no caso de Hera, há poucas referências que a colocam como uma deusa *kourotrophos* e o próprio Baumbach (2009) indaga que tipo de informação se pode obter ao colocá-la entre

essas divindades. Além disso, é preciso ponderar a relevância dessas mesmas informações sobre o culto baseadas em uma definição um tanto imprecisa. Seja como for, é inegável que a possibilidade de inserir Hera entre as deusas *kourotrophai* não está longe da realidade, uma vez que os tipos de estatuetas que remetem a essa característica estão vastamente presentes em diversos santuários dedicados à deusa.

O fato de as figuras femininas segurando pombas não ocorrerem apenas em *Heraia*, mas serem muito frequentes também como dedicatórias a Deméter, aponta para que a simples presença desses objetos não necessariamente indica aspectos de culto compartilhados entre as várias divindades – todas femininas. Eles indicam, sim, a área de atuação da divindade à qual ele faz referência, mas que deve ser analisada a partir de cada contexto em que foram encontrados (Baumbach, 2009, p. 214).

Baumbach (2009, p. 224) ainda pontua que embora em todos os locais de culto haja uma diversidade significativa de oferendas votivas, nem todos os tipos de estatuetas podem ser encontrados em todos os santuários. Há sempre uma especificidade local, evidenciando que cada *Heraion* tem características de culto específicas, sejam cultos individuais ou políades, baseadas nas necessidades daquela comunidade, o que torna o seu conjunto de terracotas igualmente único. Vale lembrar que, ainda que algumas terracotas tenham em sua iconografia a evidência clara da intenção pela qual foram ofertadas, muitas somente são compreendidas quando consideradas dentro do conjunto de oferendas daquele contexto. Nesse sentido, o conjunto vai expressar os aspectos de Hera relevantes para os devotos locais, no âmbito da pólis. Esses aspectos coletivos podem sim estar relacionados com o feminino, tendo em vista que o matrimônio, a gestação e o cuidado com os filhos são também aspectos de interesse da pólis, mas também questões militares, de produtividade da terra e a relação com o mar, que estão mais relacionados à esfera masculina.

Mesmo que ainda hoje as estatuetas de terracota sejam usadas para, a partir de sua iconografia, propor a identificação da divindade a quem determinado santuário ou templo é dedicado, quando não há outros identificadores mais precisos como inscrições, iconografias em vasos cerâmicos e a estátua de culto, é evidente que considerar as terracotas votivas como única fonte identificadora é um ato problemático. Tendo em vista a generalidade das oferendas, discutida anteriormente, fica claro que essa interpretação é demasiado limitada. Isso para não entrarmos na questão dos santuários de múltiplas dedicatórias, ou seja, dedicados a diferentes deuses (concomitantemente ou em períodos diferentes), tendo em vista que é bastante comum a sobreposição de cultos, com templos mais recentes sendo construídos sobre templos mais antigos.

A presença das formas genéricas, comuns a santuários dedicados a diferentes divindades ao longo do Mediterrâneo, pode de alguma forma, como analisou Baumbach

(2009), contradizer a ideia de que há uma relação entre a figura representada na terracota e as atribuições da deusa. Essa visão, entretanto, deve ser tratada com cuidado, pois, como demonstrado, ainda que a relação não seja direta e exclusiva, ela existe.

Observadas individualmente ou em conjunto, a partir das estatuetas de terracota é possível propor algumas interpretações sobre como e com que intenções ocorriam as práticas votivas e os rituais de culto aos quais elas estavam relacionadas (Kouraios; Angliker, 2021, p. 325). Sua natureza acessível – material barato e de fácil manuseio – permitia que fossem utilizadas por indivíduos de todos os estamentos sociais. Ainda assim, é desafiador propor essas interpretações, especialmente quando consideramos dois tipos de estatuetas: aquelas únicas, em forma e decoração; e aquelas produzidas em massa. As primeiras são imediatamente associadas a práticas de culto individuais e sua iconografia permite relacioná-las também a etapas distintas do ritual. Já as produzidas em massa, que são a maioria, por se tratar de figuras genéricas dedicadas não unicamente a Hera mas à maioria das divindades femininas, acabam por si só não revelando muito sobre as práticas locais e individuais. São, portanto, mais facilmente relacionadas a um aspecto panelênico do culto, relação essa que também se mostra problemática. Por essa razão, ainda em concordância com Kouraios e Angliker (2021, p. 326), essas imagens devem ser interpretadas em conjunto e de acordo com o contexto arqueológico, iconográfico e sociocultural, o que se mostra mais produtivo e acurado do que tentar interpretá-las unicamente por sua iconografia individual.

O mesmo se aplica à interpretação de sua função. Na maioria dos contextos sagrados, tendo em vista a própria situação de conservação, é difícil propor que uma estatueta se trate de um objeto votivo ou de culto. Ela pode, inclusive, ter as duas funções: no primeiro momento fazer parte do ritual e, posteriormente, ser oferecida à divindade. Essa trajetória do objeto explicaria também o fato de as estatuetas serem, quase em sua totalidade, encontradas em depósitos votivos (Kouraios; Angliker, 2021, p. 327).

### **Considerações finais**

Ao observar o aspecto votivo dado a esses objetos, pode-se chegar a uma percepção razoável sobre a natureza dos cultos dedicados a Hera. É evidente a sua relação com o âmbito feminino, sendo referida tanto com relação à fertilidade feminina, quanto com relação aos cuidados com o bebê e a criança. A variedade das oferendas votivas que podem ser associadas a essas atribuições mostra não apenas a diversidade admitida para os cultos individuais, que pode ser comparada à própria variedade dos objetos ofertados, mas também aponta distinções bastante claras entre essas atribuições. Ainda que sejam correlacionadas – todas pertencem ao âmbito feminino –, é possível

perceber a diferença da relação de Hera com a gestação e a sua relação com o cuidado infantil (Baumbach, 2009, p. 220).

Uma das maiores questões a se esclarecer hoje é se a presença de um mesmo tipo de estatueta em diferentes santuários consagrados a Hera ao longo do mundo grego expressa um aspecto de culto panelênico. Ou se, ao contrário, as formas de estatuetas encontradas em um único local sugerem um aspecto do culto individual ou políade (Baumbach, 2009, p. 219). Fato é que cada objeto votivo foi dedicado com um propósito específico, seja esse propósito individual ou coletivo. A percepção da existência de um culto panelênico a Hera pode ser sustentada nas fontes literárias, como em Homero (*Ilíada*) e Hesíodo (*Teogonia*). No entanto, tendo em vista a escassez de relatos sobre o culto a Hera, é mais sensato pensá-lo como uma atividade local, que tem características em comum com outros santuários (Baumbach, 2009, p. 230). Essas características não estariam apenas diretamente relacionadas aos atributos de Hera e às suas atribuições como protetora da mulher, da fertilidade, da gestação, da maternidade e do cuidado com as crianças, mas também com a produtividade e fecundidade da terra, e as atividades bélicas.

Sendo assim, fica evidente que a interpretação das estatuetas de terracota usadas como oferendas votivas em santuários dedicados a Hera vai muito além de reconhecer e decodificar a imagem retratada em cada figura. É preciso considerar alguns níveis de interpretação. Primeiramente, o reconhecimento de se a figura se trata de uma representação singular, única, ou de uma figura genérica. Depois, cabe levar em conta a recorrência desses tipos iconográficos em santuários dedicados a Hera e em locais de cultos a outras divindades. Essa análise nos possibilita perceber a que aspecto da deusa, ou das deusas, aquela determinada figura está relacionada. Assim, é possível propor também os níveis de culto em que estão inseridas essas figuras: se em um culto individual, em um ritual políade ou mesmo em um aspecto panelênico da deusa. Compreendendo esses níveis de significado dados às figuras selecionadas, pode-se entender também como a estatueta, na condição de objeto agente, age no corpo social para estabelecer o contato entre o humano e o divino, entre devoto e divindade, motivo pelo qual, afinal, as estatuetas de terracota foram concebidas no âmbito religioso da Grécia antiga.

## Referências

### Documentação textual

HESÍODO. *Teogonia*. Tradução de Christian Werner. São Paulo: Hedra, 2022.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Quertzal Editores, 2019.

## Documentação arqueológica

- HOFFMANN, S. *Between deity and dedicator: the life and agency of Greek votive terracotta figurines*. Berlin: De Gruyter, 2023.
- LAUMONIER, A. *Les figurines de terre cuite: exploration archéologique de Délos XXIII*. Athènes: École Française d'Athènes, 1956.
- TSAKOS, K; VIGLAKI-SOPHIANOU, M. *Samos: the archaeological museums*. Athens: John S. Latsis Public Benefit Foundation, 2012.

## Obras de apoio

- ALROTH, B. *Greek gods and figurines: aspects of the anthropomorphic dedications*. Uppsala: Acta Universitatis Upsaliensis, 1989.
- BAUMBACH, J. 'Speak, votives...': dedicatory practice in sanctuaries of Hera. In: PRÊTRE, C. (dir.). *Le donateur, l'offrande et la déesse: systèmes votifs des sanctuaires de déesses dans le monde grec*. Liège: Presses Universitaires de Liège, 2009.
- KOURAIOS, Y.; ANGLIKER, E. Figurines in context: dedicating clay objects at despotiko and the delion on Paros. In: KATSONOPOULOU, D. (ed.). *Paros through the Ages: from prehistoric times to 16th century AD*. Athens: The Institute for Archaeology of Paros and the Cyclades, 2021.
- MARANTIDOU, P. The standing draped female figure in the archaic art of Cyprus and Eastern Aegean: a comparative study. *Boreas*, n. 18, p. 171-188, 2009.
- MULLER, A. 'Visiting Gods' revisiting. Aphrodite visiting Artemis, or Bride? In: PAPANTONIOU, G.; MICHAELIDES, D.; DIKOMITOU-ELIADOU, M. (ed.). *Hellenistic and Roman terracottas*. Leiden: Brill, 2019.
- PIRENNE-DELFORGE, V.; PIRONTI, G. Many vs one. In: EIDINOW, E.; KINDT, J. (ed.). *The Oxford handbook of ancient Greek religion*. Oxford: Oxford University Press, 2015, p. 39-47.
- SPATHI, M. G. What do terracotta figurines in a sacral context reveal? The case of the Aphaia sanctuary on the island of Aegina. *Journal of Greek Archaeology*, n. 7, p. 213-232, 2022.
- VERNANT, J. P. *Mito e sociedade na Grécia Antiga*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1999.